

Movimento Negro e micropolítica. Lutas por visibilidade e o debate racial em Duque de Caxias/RJ

Natalia Sales³⁴

Resumo: A cidade de Duque de Caxias é palco de um intenso debate racial há muitas décadas, tendo presenciado a passagem de personalidades consideradas importantes para o movimento negro brasileiro, como Joãozinho da Gomeia e Solano Trindade, para citar alguns exemplos, assim como a passagem de muitos grupos pertencentes aos movimentos ditos culturais e aos chamados “movimentos políticos”. Além do trabalho de grupos e indivíduos na organização de políticas de combate à discriminação racial e/ou na promoção de uma cultura afro, atualmente a cidade também conta com a presença de um conselho municipal, composto por representantes de movimentos sociais e do poder público, cujo objetivo seria o de fiscalizar o governo municipal para garantir uma “política de promoção de igualdade racial” na cidade.

Apesar do quadro efervescente em vários aspectos no que tange a pensar a questão racial na cidade, marcado, inclusive, por conquistas no campo de uma política do Estado, como a criação do conselho supracitado, o cotidiano de quem faz movimento negro em Caxias pode ser caracterizado por uma luta pelo reconhecimento da pertinência das pautas do movimento frente a discursos que questionam a existência de discriminação racial no Brasil. Luta esta que se dá especialmente no terreno das microrelações, como pôde ser etnografado na dissertação de mestrado que inspira esta escrita. O presente trabalho pretende, então, explorar os aspectos da atuação dos movimentos negros de Caxias que a análise de uma micropolítica evidencia e, paralelamente, analisar a importância que a

34 Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

abordagem acerca da molaridade e molecularidade dos processos sociais de Gilles Deleuze e Felix Guattari teve para os encaminhamentos da pesquisa em questão.

Palavras-chave: movimento negro, Duque de Caxias, micropolítica.

O(s) movimento(s) negro(s) de Caxias

Como primeira tarefa deste trabalho, julgo ser importante apresentar os contornos do que eu estou denominando “movimento negro de Caxias”. Tal tarefa apresenta algumas dificuldades que, inclusive, foram discutidas em minha dissertação de mestrado, denominada “Fazendo movimento negro: sentidos de política e relações raciais na micropolítica do(s) movimento(s) negro(s) de Duque de Caxias/RJ” (Sales, 2015), que é fruto da pesquisa na qual este trabalho se baseia. Conforme discutido na dissertação, uma questão que surgiu logo no início do processo de pesquisa foi a de como eu poderia delimitar os contornos do meu tema (até então pensado em termos de “os movimentos negros em Duque de Caxias”) de modo a estabelecer os recortes do meu trabalho de campo.

Essa questão se conecta, por sua vez, a uma discussão presente tanto na literatura acadêmica sobre movimento negro como nos dados etnográficos obtidos no trabalho de campo realizado acerca da definição do termo “movimento negro”. Refiro-me, mais especificamente, a distinção entre uma concepção de movimento negro *stricto sensu*, pautada no olhar sobre os grupos que possuem uma relação com a política mais institucional, como a política partidária, e a concepção de movimento negro ampla, que considera uma gama maior de ações no combate ao preconceito racial, para além da política *stricto sensu*, na conceptualização do termo.

Na literatura acadêmica, essa distinção é trabalhada por alguns autores, como, por exemplo, Joel Rufino dos Santos. Como aponta Pereira (2013) na análise dos conceitos de movimento negro daquele autor, para Santos, movimento negro “no sentido estrito” compreende o “conjunto de entidades e ações dos últimos cinquenta anos, consagrados



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

explicitamente à luta contra o racismo” (Santos, 1985 *apud* Pereira, 2013: 111). Enquanto que a ideia de movimento negro “no sentido amplo” abrange a ação de entidades não somente de natureza política, como religiosa, artística, entre outras. Acerca desse sentido amplo de movimento negro, nas palavras do próprio autor:

Todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo (aí compreendidas mesmo aquelas que visam a autodefesa física e cultural do negro), fundadas e promovidas por pretos e negros. (Utilizo preto, neste contexto, como aquele que é percebido pelo outro; e negro como aquele que se percebe a si). Entidades religiosas, assistenciais, recreativas, artísticas, culturais e políticas; e ações de mobilização política, de processo anti-discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e “folclóricos” – toda esta complexa dinâmica, ostensiva ou invisível, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro. (Santos, 1985: 303 *apud* Pereira, 2013: 112)

Essa perspectiva trabalhada por Joel Rufino dos Santos na sua conceituação de movimento negro “no sentido amplo” se aproxima também da noção de movimento negro de autores como Goldman e Silva (2008). Estes autores, no entanto, exploram ainda mais o caráter potencialmente múltiplo que a expressão “movimento negro” pode assumir ao destacar uma ideia de movimento negro ao pé da letra, ou seja, no sentido de “grupos e pessoas que se “movem” em direção de uma vida mais digna e criativa”:

Nesse sentido, quilombos, movimentos abolicionistas, juntas de alforria, irmandades religiosas, entre outras formas de organização do período escravocrata, são movimentos negros. Do mesmo modo, as várias organizações negras (jornais, clubes de lazer, associações etc.) do período pós-abolição, como a Frente Negra Brasileira, as quais, além de denunciar o racismo, se preocupavam com a educação, a formação profissional, o comportamento social e a autovalorização da população negra buscando sua integração.

(...)

Entre as ditaduras, houve uma retração das organizações negras, mas não da luta. Abdias do Nascimento e seu Teatro Experimental do Negro são exemplo disso. Contudo, outras formas de resistência continuaram a existir, entre elas as religiões de matriz africana, os afoxés, os grupos "folclóricos" ou "artísticos", organizações que preservaram a singularidade e a multiplicidade negras. (Goldman e Silva, 2008)

Considerando a ideia de movimento negro no sentido estrito, a presença desse movimento em Duque de Caxias não é recente. A pesquisa de mestrado realizada pela historiadora Sandra Godinho Maggessi Pereira (2006) registra a presença de um núcleo da Frente Negra Brasileira ainda na década de 1930, na então Meriti, primeiro nome de Duque de Caxias antes de se tornar o 8º distrito de Nova Iguaçu.

A Frente Negra Brasileira (FNB) é considerada por muitos como o primeiro “movimento negro organizado” (outra expressão para movimento negro “no sentido estrito”) do Brasil. Fundada na cidade de São Paulo, no ano de 1931, a FNB, inicialmente, dedicava-se ao oferecimento de assistência social para a população negra, com atividades educacionais e esportivas. Tal orientação da entidade se assemelhava à das associações negras que já existiam desde o período da abolição da escravidão (Albuquerque e Filho, 2006). Mas, apesar da semelhança entre as ações da FNB e as de associações negras já existentes, a primeira entidade foi assumindo o teor de partido político, com pretensões eleitorais. A Frente Negra Brasileira tornou-se de fato um partido em 1936, porém não teve tempo para se estabelecer devido à proibição da existência de partidos políticos com a instauração do Estado Novo, encerrando suas atividades no ano 1938.

Além do núcleo da FNB, Pereira (2006) descobriu, em sua pesquisa, a existência de outras duas entidades de movimento negro (“no sentido estrito”) que atuaram em Duque de Caxias na primeira metade do século XX: a União Cultural Brasileira dos Homens de Cor (UCBHC) e o Centro Cultural José do Patrocínio; instituições estas nas as quais a autora concentra a sua pesquisa. Tanto o núcleo da UCBHC como o Centro Cultural José do



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Patrocínio foram criados no fim da década de 1940 na Duque de Caxias já emancipada. Ambas instituições reuniam “intelectuais, professores e professoras, advogados, médicos, militares negros, e quase brancos” (Pereira, 2006: 201) e tinham como orientação a luta pela ascensão social da população negra da cidade e a inserção de negros nos quadros da política institucional. Acerca da atuação da segunda instituição, a autora, expõe:

O Centro Cultural José do Patrocínio constituiu diversos departamentos, preocupado que estava em cercar os afro-caxienses de núcleos de apoio sob o aspecto jurídico e civil, além da preparação educacional. Nesse sentido, teria criado escolas nos distritos de Duque de Caxias, com atuação mais vigorosa nas áreas mais distantes do primeiro distrito, pois eram também essas áreas onde se encontrava grande parte da população carente. (Pereira, 2006: 130)

Além de Pereira, outra autora que se debruçou sobre a atuação da União Cultural Brasileira dos Homens de Cor em sua dissertação de mestrado foi a historiadora Marluccia Santos de Souza, com a sua pesquisa sobre a história política de Duque de Caxias (Souza, 2002). No artigo de Souza (2003) sobre o debate étnico em Duque de Caxias das décadas de 1950 e 1960, a autora caracteriza o trabalho da UCBHC na cidade da seguinte forma:

A condição de pobreza do negro na cidade [de Duque de Caxias], associada à vinculação de sua imagem à marginalidade, fez com que negros letrados, médicos, advogados, artistas e profissionais liberais apostassem em iniciativas de afirmação do negro. Surge então em Caxias um núcleo da União Cultural Brasileira dos Homens de Cor - UCBHC, em 1949. As instituições de assistência e culturais, como os clubes negros e as uniões culturais, proliferavam pelo país após o fechamento da Frente Negra Brasileira em 1937.

A UCBHC de Caxias possuía uma sede no centro da cidade com biblioteca, assistência médica, dentária e jurídica. Era composta por uma



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

diretoria, duas subdiretorias, uma em Tinguá e outra em Parada Angélica. Possuía ainda vários departamentos, como o feminino, o de propaganda, o de cultura e os de assistência. A União organizava festejos, almoços, comemorações nos dias da família negra e datas consideradas importantes, promovia atividades culturais que dessem visibilidade ao artista negro, movia processos em defesa dos associados, realizava concursos de beleza etc. (Souza, 2003: 30-31)

Além de fornecer dados sobre a atuação do UCBHC em Duque de Caxias, o trabalho de Souza (2003) apresenta outro aspecto que, para os propósitos desta discussão, torna-se interessante destacar. Ao refletir sobre o “debate racial” na Duque de Caxias das décadas de 1950 e 60, a autora faz menção não apenas à atuação do movimento negro “no sentido estrito”, como também destaca o papel de figuras interessantes para pensar a temática racial na cidade a partir de uma perspectiva mais ampla que a da atuação dos “movimentos políticos”. Assim, a presença de movimentos religiosos e artísticos negros em Caxias pôde ser registrada no trabalho da autora através da análise da trajetória de algumas personalidades que viveram em Caxias nas décadas estudadas, como o famoso pai de santo Joãozinho da Gomeia e o poeta Solano Trindade.

Joãozinho da Gomeia foi um conhecido pai de santo baiano que viveu por anos em Caxias e ganhou fama no Brasil como o “rei do camdomblé”. Batizado como João Alves Torres, Joãozinho da Gomeia nasceu em Inhambupe, interior da Bahia, no ano de 1914. Foi para Salvador anos mais tarde, onde chegou ao camdomblé em busca de uma solução para problemas de saúde que sofria. Joãozinho tornou-se filho de santo e, poucos anos depois, abriu seu próprio terreiro na Rua da Gomeia, no bairro São Caetano, periferia de Salvador. Ainda em Salvador, o babalorixá começou a construir sua fama, e as festas e os eventos realizados em sua casa de santo começaram a tornar esta última famosa, ganhando muitos seguidores, entre eles, visitantes famosos como o escritor Jorge Amado (Souza, 2003).

A vinda de Joãozinho da Gomeia para o Rio de Janeiro ocorreu em 1942, ano em que o babalorixá se instalou no então Distrito Federal (atual cidade do Rio). Porém, o pai de

santo chegou a retornar para a Bahia por conta de perseguições religiosas que estavam ocorrendo nesse período, retornando ao estado do Rio de Janeiro apenas em 1948. Neste ano, Joãozinho da Gomeia se instala em Duque de Caxias, onde abre uma casa de santo na cidade. As festas realizadas no terreiro de Caxias de Joãozinho da Gomeia chegavam a reunir mais de seis mil pessoas (Souza, 2003), fato que justifica, como aponta Nascimento (2014), a importância considerável que a presença do babalorixá teve para o crescimento de terreiros de candomblé e umbanda na Baixada Fluminense:

O Município de Duque de Caxias foi um importante cenário para o reinado do babalorixá, que alcançou grande fama, onde já tinha o espaço ocupado pela Umbanda e pela Macumba Carioca. Quando a imprensa carioca tomou conhecimento da presença de Joãozinho da Gomeia, no município de Duque de Caxias, intensificou-se na imprensa como um todo, uma verdadeira promoção do candomblé angoleiro e da Baixada Fluminense como um grande centro de convergência da religiosidade afro-brasileira, identificada como sementeira do culto afrobrasileiro. (: 377)

Outra personalidade estudada por Souza (2003) importante para pensar esse sentido amplo de movimento negro é Solano Trindade. O poeta nasceu em Recife, no ano de 1908, e sua produção literária teve início ainda na década de 1920. É interessante destacar que esta personalidade também atuou pelo movimento negro “no sentido estrito”, participando, por exemplo, da fundação da Frente Negra Pernambucana na década de 30. Em 1940, Solano Trindade deixou Pernambuco e, quatro anos mais tarde, já no estado do Rio de Janeiro, publicou o seu primeiro livro, *Poemas d’Uma Vida Simples*. O autor já morava em Duque de Caxias desde 1943 e fica claro em seu poema mais famoso – *Tem Gente com Fome* – a referência à cidade quando o escritor fala da Estação de Caxias³⁵:

35 Sobre o poema *Tem gente com fome*: “Esse poema foi escrito a partir da experiência diária de Solano Trindade que, a partir de 1943, passou a residir em Duque de Caxias e a trabalhar na Praia



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Trem sujo da Leopoldina/correndo correndo/parece dizer/tem gente com fome/tem gente com fome/tem gente com fome/Piuiiii

Estação de Caxias/de novo a dizer/de novo a correr/tem gente com fome/tem gente com fome/tem gente com fome.

Vigário Geral/Lucas/Cordovil/Brás de Pina/Penha Circular/Estação da Penha/Olaria/Ramos/Bom Sucesso/Carlos Chagas/Triagem, Mauá/trem sujo da Leopoldina/correndo correndo/parece dizer/tem gente com fome/tem gente com fome/tem gente com fome/ Tantas caras tristes/querendo chegar/em algum destino/em algum lugar/Trem sujo da Leopoldina/correndo correndo parece dizer/tem gente com fome/tem gente com fome/tem gente com fome.

Só nas estações/quando vai parando/lentamente começa a dizer/se tem gente com fome/dá de comer/se tem gente com fome/dá de comer/se tem gente com fome/dá de comer/Mas o freio de ar/todo autoritário/manda o trem calar. Psiuuuuuuuuuu (Trindade, 2008[1944])

Tanto Solano Trindade como Joãozinho da Gomeia eram nomes frequentemente citados como referências importantes para entender o movimento negro de Caxias pelas pessoas que atravessaram a minha pesquisa de mestrado. No entanto, é interessante destacar que a expressão “movimento negro” nem sempre era bem recebida pelos meus interlocutores, inclusive, entre ativistas considerados por muitos como figuras importantes para pensar o tema. Tal desconforto com a expressão advinha especialmente de pessoas ligadas aos ditos movimentos culturais (como blocos afroculturais, grupos de capoeira etc) e se conecta à discussão sobre o sentido estrito que o termo movimento negro muitas vezes assume.

Vermelha. O poeta fez esse percurso por doze anos, e suas viagens o inspiraram nessa produção. Os versos de “tem gente com fome” foram traduzidos para o alemão, o tcheco e outros idiomas e celebrou-se. Solano Trindade não gostava do trem da Leopoldina: “foi de tanto ver e sentir que nasceu a inspiração.” (Gregório, 2005: 73-74)

Conforme já comentado, a distinção entre movimento negro no sentido estrito e movimento negro no sentido amplo se fez presente também durante o trabalho de campo. Assim, alguns interlocutores associavam a ideia de movimento negro ao seu sentido estrito, ou seja, ao trabalho dos ditos movimentos políticos. Como exemplo de uma situação de campo em que esta conceituação apareceu, relembro a entrevista que fiz à fundadora de um dos dois grupos afroculturais existentes em Duque de Caxias. Antes de começar a entrevista propriamente, comentei que já havia entrevistado algumas pessoas ligadas ao “movimento negro” da cidade. A entrevistada ficou nitidamente desconfortável com tal informação, justificando sua reação com o argumento de que há uma associação feita entre a expressão “movimento negro” e a política partidária. Nas palavras dela:

Eu não gosto muito dessa nomenclatura – “movimento negro”- porque o movimento negro é um conjunto de ações, e quando você observa, as pessoas fazem um recorte político pessoal. (...) É um interesse com recorte político partidário. E aí eu fico arredia disso.

É interessante notar, entretanto, que a entrevistada também expõe uma definição de movimento negro no “sentido amplo” (“o movimento negro é um conjunto de ações”). Logo, o que parece incomodá-la a ponto de não se identificar com a expressão é o modo como a mesma é apropriada pelas pessoas que se dizem pertencentes a este movimento e que, segundo ela, “fazem um recorte político pessoal”.

As experiências de campo, juntamente com as reflexões inspiradas na literatura acadêmica sobre movimento negro expostas, fizeram-me entender que se faz movimento negro de muitas formas. No entanto, apesar do cenário múltiplo que envolve a luta contra a discriminação racial tanto em Caxias como no Brasil, nas falas daqueles que se sentem diretamente envolvidos com a luta na cidade existe uma forte referência a uma unidade. Esta unidade está presente, por exemplo, na menção ao legado de Joãozinho da Gomeia, de Solano Trindade e de ações de diversos grupos que passaram por Caxias para o debate racial na cidade.

Assim, o que eu denomino de “movimento negro *de* Caxias” refere-se a essa unidade presente nas falas os meus interlocutores, fruto do reconhecimento que, apesar de divergências quanto à forma de combater a discriminação racial (sob a designação de “movimento negro” ou não) existe um legado trazido por cada sujeito, grupo, instituição, produção literária, ação etc. No entanto, também não deixo de ressaltar a pluralidade do movimento ao utilizar o termo “movimento(s) negro(s)” para definir meu objeto de pesquisa.

O “Conselho do Negro”

A partir do entendimento de que se faz movimento negro de muitas formas, compartilho da visão que encara a expressão “movimento negro” em seu sentido amplo. No entanto, seria uma impossibilidade metodológica pesquisar todos os espaços onde pode-se dizer que existe movimento negro em Caxias: nas casas de santo, nas rodas de capoeira, nas instituições não-governamentais, nos movimentos políticos, nas pastorais afro-brasileiras, entre outros espaços. De forma a iniciar o trabalho de campo, então, estabeleci como um critério inicial para a pesquisa tentar conhecer sujeitos que se incluíam na categoria de militante ou ativista do (ou de algum) movimento negro da cidade.

Em busca de tal tarefa, iniciei uma procura por eventos na cidade cuja temática fosse racial, por acreditar que seriam espaços onde eu poderia fazer os contatos que eu almejava. Escolhi o mês de novembro, especialmente a semana que compreendia o dia 20, para isso, tendo em vista que a data citada refere-se um dos feriados de maior importância para o movimento negro brasileiro: o Dia Nacional da Consciência Negra.

Após encontrar uma programação referente a uma semana de atividades em comemoração ao Dia da Consciência Negra no site oficial da prefeitura de Caxias, na semana do dia 20 de novembro do ano de 2013, fui até um dos pontos do centro da cidade, onde seria palco das atividades programadas, tentar realizar os meus primeiros contatos.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Em um dos dias de ida a campo, tive a oportunidade, então, de conhecer um militante de movimento negro que, inclusive, fazia parte da organização do evento. Seu nome era Jorge e ele se declarou militante do movimento negro da cidade citando a instituição em que atuou por muitos anos – o núcleo de Duque de Caxias do Grupo União e Consciência Negra (GRUCON). Apresentei-me como pesquisadora interessada em estudar o atual movimento negro de Caxias e, dentre outras indicações, ele sugeriu que eu conhecesse o “Conselho do Negro” da cidade, do qual ele também fazia parte. Segundo ele, conhecer esse espaço seria interessante para a minha pesquisa para eu entrar em contato com outros militantes do movimento.

O Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro e Promoção da Igualdade Racial e Étnica de Duque de Caxias (COMDEDINEPIR), mais conhecido como “Conselho do Negro” pelas pessoas que o frequentam, existe desde de 2006 e funciona na Secretaria de Cultura e Turismo de Duque de Caxias. O Conselho é composto tanto por representantes de entidades da sociedade civil, sendo a maioria representantes do movimento negro, como por representantes do poder público, se organizando, assim, de forma paritária³⁶, e tem por objetivo estabelecer um diálogo entre a sociedade civil e o Estado, de forma a pressionar este último para o cumprimento de políticas públicas voltadas para a população negra do município³⁷.

36 Ao todo, o Conselho possui dezesseis cadeiras em sua organização, sendo oito destinadas a representantes do governo e oito a representantes da sociedade civil, sendo a maioria destas cadeiras destinadas a representações do movimento negro. Enquanto que os primeiros representantes são escolhidos pelo governo municipal, os representantes da sociedade civil são escolhidos em um fórum próprio, “congregando entidades civis e/ou religiosas, organizações sindicais, movimentos populares”.

37 Segundo a Lei Municipal 1.975 de 16 de Junho de 2006, que decreta a criação do COMDEDINEPIR:

Art. 1º. Fica criado o Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro e Promoção da Igualdade Racial e Étnica, com caráter deliberativo e participação paritária, no âmbito da Secretaria Municipal de Cultura, constituindo-se em espaço de articulação entre Governo Municipal e Sociedade Civil para



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

COMDEDINEPIR é composto, dentre outros atores, por entidades de “movimento político” como o Movimento Negro Unificado (MNU) de Duque de Caxias; instituições locais ligadas à promoção de uma cultura afro como a Grupo Afro Cultural e Recreativo Imale Ifé e a Instituição Afro Cultural Ojuobá Axé; organizações não-governamentais locais como o Centro Cultural Casa de Pedra, a Fundação Olímpia Costa e a ONG Mulheres com Propósito; instituições ligadas a atividades religiosas como a ASPA – Ação Paulo VI (ligada à igreja católica) e a casa KWE Cejágbe (ligada às religiões de matriz africana).

Após a indicação à ida ao Conselho, assisti a uma reunião do mesmo pela primeira vez em dezembro de 2013. E, passei a acompanhar as reuniões, assim como outras atividades, com mais frequência a partir de maio do ano seguinte e durante o restante de 2014. As pautas das reuniões do COMDEDINEPIR se concentravam na organização de eventos com o intuito de dar visibilidade para a questão racial na cidade. O Conselho possuía um calendário anual de eventos a serem organizados pelos conselheiros em datas consideradas importantes para o movimento negro brasileiro, como o 21 de março (Dia de Combate à Discriminação Racial), o 13 de maio (Dia da Abolição da Escravatura), o 25 de julho (Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha) e o 20 de novembro (Dia Nacional da Consciência Negra), que, como já comentado, é comemorado durante uma semana, chamada “Semana de Tradições e Artes Negras e Contemporâneas”.

formulação de diretrizes para políticas e ações, que visem à promoção negra e outras populações discriminadas.

Art. 2º. Cabe ao Conselho Municipal dos Direitos do Negro e Promoção da Igualdade Racial, estabelecer diálogo permanente entre Governo Municipal e as organizações sociais representadas, com o objetivo de propor e fiscalizar políticas públicas e definir diretrizes e prioridades que visem à garantia da promoção das populações descritas nesta Lei nas áreas de Educação, Saúde, Trabalho, Cultura, Esporte, Lazer, Religião, Ação Social, Agricultura e Meio Ambiente, dentro de uma perspectiva de resgate da cidadania e moradia de terras quilombolas.

Apesar do meu trabalho de campo para a pesquisa não ter se limitado aos espaços concernentes ao Conselho, os espaços/tempos das reuniões e eventos do COMDEDINEPIR acabaram se tornando preferenciais para a realização da etnografia. Pelo fato do Conselho agregar várias instituições ligadas ao movimento negro da cidade, e também pelo fato do mesmo já ter presenciado a passagem de outras tantas, visualizei no COMDEDINEPIR um espaço importante onde eu poderia acompanhar os debates e as ações de tantas pessoas que trabalham com a questão racial em Duque de Caxias há décadas. Assim, o Conselho se tornou para mim uma espécie de recorte para o meu trabalho de campo, o que permitiu eu pesquisar o(s) movimento(s) negro(s) da cidade a partir de um dentre os seus muitos espaços.

Além disso, pela sua organização paritária do Conselho e por sua subordinação institucional à Secretaria de Cultura da cidade, o trabalho de campo nesse espaço permitiu analisar a relação entre o movimento negro da cidade e o Estado (no caso, representado pela instância da municipalidade). O estudo dessa relação acabou se tornando crucial para a pesquisa, pois, além do recorte estabelecido para a etnografia privilegiar a análise dessa relação, com a realização do trabalho de campo em outros espaços e também a realização de entrevistas com ativistas do movimento negro de Caxias, pude perceber que a relação entre movimento negro e Estado se conecta a alguns dos principais dilemas enfrentados pelos ativistas que conheci: a busca de reconhecimento e visibilidade para as suas pautas dentro da cidade, e os conflitos inerentes a tal busca diante de representantes do Estado.

A micropolítica do debate racial em Duque de Caxias

Entendendo que um trabalho de pesquisa permite diferentes olhares ou percepções sobre um mesmo tema, guiei o meu olhar para o(s) movimento negro(s) de Caxias inspirada em alguns conceitos trabalhados pelos filósofos Gilles Deleuze e Felix Guattari (2012) para pensar os processos sociais. Refiro-me à reflexão operada por esses autores acerca dos



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

processos de natureza macropolítica e os de natureza micropolítica, que se conecta-se, por sua vez, à discussão sobre os diferentes tipos segmentaridade que nos atravessam:

Indivíduos ou grupos, somos feitos de linhas, e tais linhas são de natureza bem diversa. A primeira espécie de linha que nos compõe é segmentária, de segmentaridade dura (ou, antes, já há muitas linhas dessa espécie); a família -a profissão; o trabalho - as férias; a família - e depois a escola - e depois o exército - e depois a fábrica - e depois a aposentadoria. E a cada vez, de um segmento a outro, nos dizem: agora você já não é um bebê; e na escola, aqui

(...)

Ao mesmo tempo, temos linhas de segmentaridade bem mais flexíveis, de certa maneira moleculares. Não que sejam mais íntimas ou pessoais, pois elas atravessam tanto as sociedades, os grupos quanto os indivíduos. Elas traçam pequenas modificações, fazem desvios, delineiam quedas ou impulsos: não são, entretanto, menos precisas; elas dirigem até mesmo processos irreversíveis. Mais, porém, do que linhas molares a segmentos são fluxos moleculares a limiares ou quanta. *Um limiar é ultrapassado, e não coincide, necessariamente, com um segmento das linhas mais visíveis.* Muitas coisas se passam sobre essa segunda espécie de linhas, devires, micro-devires, que não têm o mesmo ritmo que nossa "história". (Deleuze & Parnet, 1998:101)

Segundo os autores, a macropolítica relaciona-se aos processos de natureza molar, ou seja, ao campo das representações e das sobrecodificações operadas por dispositivos de poder, como os do aparelho de Estado, que instaram segmentações duras e hierarquizações sobre a multiplicidade de formas existenciais. Já micropolítica se conecta a processos de natureza molecular e refere-se à dimensão do desejo que, segundo os autores, é produzido por agenciamentos (ou seja, encontro entre enunciados, pessoas, objetos etc) e ao campo das microrelações. Acerca desses processos, os autores dissertam:



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Em suma, tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica. Consideremos conjuntos do tipo percepção e sentimento: sua organização molar, sua segmentaridade dura, não impede todo um mundo de microperceptos inconscientes, de afetos inconscientes, de segmentações finas, que não captam ou não sentem as mesmas coisas, que se distribuem de outro modo, que operam de outro modo. Uma micropolítica da percepção, da afecção, da conversa. (Deleuze e Guattari, 2012: 99)

A criação da SEPIR (Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial)³⁸ pelo governo federal, a implementação da política de cotas raciais em universidades e em concursos públicos (leis 12.711/2012 e 12.990/2014, respectivamente) e a obrigatoriedade do ensino de história e cultura da África e afro-brasileiras nas escolas (leis 10.639/03 e 11.645/0833) são exemplos de reivindicações do movimento negro que se instauraram no campo da macropolítica do aparelho de Estado, em forma de leis. No caso de Duque de Caxias, a criação do COMDEDINEPIR também atesta a presença no campo macro de uma política que reconhece a discriminação racial.

No entanto, conforme observado em diversas situações durante o campo, nas microrrelações, ou seja, numa micropolítica, o Estado (aqui pensado a partir de algumas de suas representatividades, especialmente os “políticos profissionais” representantes do governo municipal) se utiliza, muitas vezes, de um discurso que deslegitima as pautas do movimento negro. Discurso o qual afirma que no Brasil se vive uma democracia racial, portanto, não fazendo sentido promover políticas públicas de combate à discriminação racial.

38 Órgão do governo federal com status de ministério, voltado para a promoção de políticas públicas direcionadas à correção de desigualdades raciais.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Em linhas gerais, o chamado discurso da democracia racial refere-se a perspectiva predominante no pensamento social brasileiro que caracteriza as relações raciais no Brasil como historicamente pacíficas e harmônicas, o que teria determinado uma suposta ausência de conflitos raciais no país e uma intensa miscigenação da população. Embora tal ideia não se limite a obra de um único autor, ganhou notoriedade na obra de Gilberto Freyre, especialmente *Casa Grande e Senzala*, de 1933. Conforme afirma Hanchard (2001), Freyre trabalhava essa perspectiva de abrandamento das relações raciais através, por exemplo, da ideia de “zonas de confraternização” entre senhores e escravos no Brasil o período colonial:

A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre conquistadores e conquistados, senhores e escravos (...). A miscigenação, largamente praticada, tendeu a modificar a enorme distância social que se haveria preservado, não fosse por isso, entre a casa grande e a senzala. O que a monocultura latifundiária baseada na escravidão conseguiu fazer pela criação de uma aristocracia, dividindo a sociedade brasileira nos extremos opostos de pessoas bem nascidas e escravos, com um remanescente exíguo e insignificante de homens alforriados espremido entre os dois, foi anulado, em grande parte, pelos efeitos sociais da miscigenação (...); a índia (...) ou a negra, e depois a mulata, a neta e a bisneta de negros que se tornaram criadas, concubinas e até esposas legítimas de senhores brancos, exerceram uma poderosa influência em prol da democracia social no Brasil (Freyre *apud* Hanchard, 2001: 71)

Hanchard questiona esse sentido “brando” nessas “relações de dominação e subordinação entre possuidores e possuídos, nas quais os papéis raciais e sexuais eram transformados em mercadoria, conforme as preferências e escolhas dos senhores de escravos. (Hanchard, 2001: 71-72). E, principalmente, o autor assinala que o “mito” trouxe como consequência nociva uma dificuldade dos brasileiros em identificar problemas raciais como a discriminação, violência e desigualdade racial (:65).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Se por um lado, nos espaços/tempos dos eventos realizados para debater a questão racial em Duque de Caxias, promovidos pelo “Conselho do Negro”, e também nas reuniões do mesmo, era comum presenciar pronunciamentos que caracterizavam as relações raciais no país como constituídas por intensa segregação e muitos conflitos. Por outro lado, falas que iam numa direção contrária e faziam alusão a uma pretensa igualdade racial na população brasileira, inseridas num contexto de deslegitimação da necessidade de existência de políticas públicas voltadas para as demandas da população negra, eram frequentes.

Para citar alguns exemplos de situações observadas no trabalho de campo atreladas a esse debate, cito uma situação ocorrida na solenidade de abertura da primeira semana de atividades em referência ao Dia da Consciência Negra que eu presenciei. Falas como “No Brasil, ninguém é cem por cento branco ou cem por cento negro” ou “Somos um país de mestiços” eram pronunciadas pelo apresentador do evento com certa frequência. Alguns políticos convidados para o palco, em seus pronunciamentos, também compartilhavam de visão parecida. Nessa ocasião, um dos vereadores convidados chegou, inclusive, a afirmar que desejava um futuro em que as diferenças fossem superadas até o ponto em que “este dia” (no caso, o Dia da Consciência Negra) não existisse mais.

Esta última fala do político em questão não deixou de causar desconforto, especialmente entre aqueles ligados ao movimento negro, como ficou evidente no pronunciamento do presidente de uma instituição afro-cultural da cidade. Este último, em sua fala, enfatizou a dimensão da luta na promoção de eventos como o que estava ocorrendo, tendo em vista que uma igualdade estava muito longe de ser alcançada

Em outro evento etnografado, dessa vez um seminário voltado para a discutir saúde para a população negra, os pronunciamentos das “autoridades” convidadas não se distanciavam da perspectiva da crença em uma democracia racial. O prefeito da cidade, por exemplo, não tocou na questão racial em nenhum momento da sua fala, mesmo se tratando de um “Seminário de Saúde da População Negra”. Além disso, soube por um militante



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

tempos depois, que, nos bastidores desse evento, um funcionário da prefeitura, que, inclusive, integra o Conselho do Negro, chegou a questionar a legitimidade do evento com o seguinte fala: “Por que falar em saúde para a população negra? Saúde não é para todos?”.

Enquanto essa última fala desconsidera a desigualdade sócio-econômica que afeta a população negra no Brasil e configura acessos diferenciados a serviços básicos como a saúde, as falas que fazem alusão à questão da mestiçagem ignoram as experiências de discriminação sofridas por aqueles que são socialmente lidos como negros. Os casos de racismo relatado pelos militantes que travei contato durante o trabalho de campo indicavam que, ainda se possa dizer que todos os brasileiros são mestiços, os indivíduos são tratados de maneiras diferentes, pois, como afirma Segato (2006), raça é signo, logo “o seu sentido depende de uma atribuição, de uma leitura socialmente compartilhada e de um contexto histórica e geograficamente delimitado” (:217).

Como exemplificado anteriormente, falas como as citadas acima eram muitas vezes pronunciadas por representantes do Estado, mesmo componentes do “Conselho do Negro”. Além disso, tais falas costumavam estar inseridas em comentários jocosos e observações que aparentavam fugir de um roteiro prévio dos pronunciamentos das mesas, o que permitiu eu fazer uma aproximação com a ideia de micropolítica de Deleuze e Guattari (2012). Nos eventos e reuniões, em contraposição ao discurso da democracia racial e, muitas vezes, em resposta a pronunciamentos dos convidados citados anteriormente, era comum os militantes apresentarem contra-argumentos, por vezes também em tom jocoso de forma a evitar constrangimentos.

Além disso, também era comum os militantes justificarem a temática dos eventos, e as próprias pautas do movimento negro, antes mesmo de ouvirem falas que questionassem as mesmas. Assim, um dos argumentos que eu mais ouvia, especialmente nos eventos, pronunciados por militantes do movimento negro de Caxias era o de que as pautas do movimento não diziam respeito à conquista de privilégios ou a instauração de segregação, mas à busca de igualdade de direitos.

Considerações Finais

Conforme discutido neste trabalho, realizando o meu trabalho de campo junto ao(s) movimento(s) negro(s) de Caxias, especialmente nos espaços/tempos do Conselho do Negro, pude observar que mesmo em espaços instituídos pelo Estado para debater a questão racial, nas microrelações, as pautas do movimento negro são constantemente deslegitimadas por atores de fora do movimento. Tal observação me guiou para uma das principais considerações finais do meu trabalho de dissertação, mais especificamente a de que fazer movimento negro é travar uma luta em dois campos: no campo da macropolítica (por exemplo, na conquista de leis de política afirmativas ou na realização de eventos com financiamento do Estado para a discussão da questão racial) e, especialmente, no campo da micropolítica – ou seja, no espaço das microrelações.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol 3. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. Políticas. In: *Diálogos*, São Paulo: Escuta.1998.

DUQUE DE CAXIAS. Lei 1.975, de 16 de junho de 2016. Cria o Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro e Promoção da Igualdade Racial e Étnica de Duque de Caxias e dá outras providências. s.n.t.

GOLDMAN, Márcio & SILVA, Ana Claudia Cruz da. Os muitos movimentos negros. São Paulo: Folha de São Paulo, 23/11/2008.

GREGÓRIO, Maria do Carmo. Solano Trindade: Raça e Classe, Poesia e Teatro na Trajetória de um Afro-Brasileiro (1930-1960). Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2006 (Dissertação de Mestrado).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia
Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

HANCHARD, Michael George. *Orfeu e o Poder*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

NASCIMENTO, Andréia. Salve Pai Pedra Preta: uma contribuição singela à trajetória do Babalorixá Joãozinho da Goméa. *Menme – Revista de Humanidades*. V. 05. N. 11, jul./set. de 2004.

PEREIRA, Amilcar Araujo. *Mundo Negro – Relações Raciais e a Constituição do Movimento Negra contemporâneo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas: FAPERJ, 2013.

PEREIRA, Sandra Godinho. *Vozes Afro-Caxienses: Ecos Político–Culturais dos Movimentos de Resistência Negra*. Vassouras: Universidade Severino Sombra, 2006. (Dissertação de Mestrado).

SALES, Natalia. *Fazendo Movimento Negro: sentidos de política e relações raciais na micropolítica do(s) movimento(s) negro(s) de Duque de Caxias/RJ*. Niterói: PPGA/UFF, 2015. (Dissertação de mestrado)

SEGATO, Rita. Raça é signo. In: *Inclusão Social, Identidade e Diferença – Perspectivas pós-estruturalistas da análise social*. (Organização: AMARAL JR., Aécio e BURITY, Joanildo A.) São Paulo: Annablume, 2006.

SOUZA, Marlúcia Santos de. *Escavando o passado da cidade: Duque de Caxias e os projetos de político local (1900-1964)*. Niterói: UFF/PPH, 2002. (Dissertação de mestrado).

_____. O debate étnico e a União dos Homens de Cor em Duque de Caxias. *Revista Pilares da História*. Ano II nº2. Duque de Caxias, março de 2003.

TRINDADE, Solano. *Poemas Antológicos de Solano Trindade*. (Organização: REIS, Zuenir Campos). São Paulo: Nova Alexandria, 2008.